

---

## **“DESPERTANDO O POETA”: A POESIA DE CORDEL COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Andrea Cristina Marques

UEPB

(andreacristinarmg@gmail.com)

Este trabalho pretende abordar o uso da literatura de cordel no ensino de História, mostrando como a poesia de cordel pode ser uma rica ferramenta utilizada na prática de ensino para o professor de história em sala de aula e também “(...) *como forma de despertar o senso crítico do aluno, bem como sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica, principalmente na região Nordeste (...)*” (ALVES, 2008:103).

Mas, antes de tratarmos do cordel propriamente dito, é importante falarmos da importância da literatura de um modo geral para o trabalho do historiador, seja dentro ou fora da sala de aula. Essa relação da literatura, nesse caso do cordel, com a história é bastante produtiva, mesmo que história e literatura apresentem caminhos diversos, embora convergentes, ambas trabalham com as representações do mundo social, por isso a riqueza desta união.

Também é necessário colocarmos que essa união tornou-se possível a partir da interdisciplinaridade proposta pelos Estudos Culturais, que alargaram o campo de estudos não só da História com de outras tantas disciplinas, e trouxe consigo rupturas e incorporações que contribuíram para uma nova perspectiva teórica, assim como novas problemáticas.

Assim, documentos como o cordel, por exemplo, puderam ser vistos e utilizados como documentos históricos. Pois, a cultura passou a ser vista e concebida pelos estudiosos dos estudos Culturais como uma relação de intercâmbio e não mais como um confronto bipolar ente as culturas, sedo uma superior e a outra inferior. Logo,

*“(...) Elas não são vistas como exteriores entre si, mas comportando cruzamentos, transações, intersecções. Em determinados momentos, a cultura popular resiste e impugna a*

---

*cultura hegemônica; em outros, reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas.” (ESCOSTEGUY, 2006:147)*

Dessa forma, uma das grandes contribuições trazidas pelos Estudos Culturais foi esse alargamento das possibilidades de trabalho com fontes antes não concebidas assim, e que ganharam a devida legitimidade a partir desses estudos que deixaram de privilegiar somente as questões econômicas e de classe. O que deu maior mobilidade para o trabalho do historiador que pode agora construir seu trabalho analisando a partir de outras perspectivas e fontes.

Com essa interdisciplinaridade conquistada pelos Estudos Culturais, os textos literários passam a ser alvo das problematizações e análises feitas pelos historiadores e é nesta perspectiva que FERREIRA (2009), coloca que nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios à múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados, para o entendimento do universo cultural, dos valores e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo.

O que PESAVENTO confirma, ao dizer que:

*“A literatura tem se revelado o veículo por excelência para captar sensações e fornecer imagens da sociedade por vezes não admitidas por esta ou que não são perceptíveis nas tradicionais fontes documentais (...)” (PESAVENTO, 1995:118)*

Desta forma, os cordelistas ao escreverem seus cordéis, teriam também essa capacidade de conseguir perceber sensivelmente o que se passa em sociedade. E a partir daí transformariam em versos suas percepções, repassando-as ao público.

Porém, para conhecermos melhor a produção dos cordelistas, devemos mostrar quais seriam as características do cordel, dos cordelistas e de sua poesia, e para isso é preciso colocar que os poetas de cordel revelam-se, quase sempre, como homens com pouca instrução, mas com grande talento para contar histórias.

Para a historiadora MARIA ÂNGELA GRILLO,

“(…) a relação deles com a realidade, pilar de sua produção poética resulta, sem dúvida, das condições de vida quase sempre inóspitas e sem acesso às fontes seguras de transmissão sistemática do conhecimento acessível apenas aos cidadãos das classes mais favorecidas”. (GRILLO, 2008:2).

Ela afirma também que o Nordeste seria a região do Brasil privilegiada com relação à quantidade dos cordelistas existentes nela. E o interessante é que numa época e numa região em que a maioria da população era constituída de analfabetos, os cordéis encontravam um grande público de auditores, já que as poesias eram apresentadas em reuniões, saraus e feiras e o que facilitava sua memorização é que são desde essa época escrita em forma de versos.

Segundo a professora ANDREA BETÂNIA DA SILVA (2008), a literatura de cordel funcionou no século XIX como o meio de comunicação mais eficiente para os que viviam longe dos grandes centros, sendo capaz de levar notícias aos lugares mais remotos, a literatura de cordel sempre foi vista como incapaz de sobreviver aos adventos da tecnologia, mas eis que, em pleno século XXI, pode ser encontrada em sites voltados apenas para este tipo de produção havendo, inclusive, cordelistas que existem apenas no mundo virtual, sem jamais ter imprimido sequer um folheto.

E eram inicialmente impressos em papel pardo, 12 X 18 cm, com 8, 16 ou 32 páginas, contendo ilustrações em xilogravuras. Nesse sentido, a literatura de cordel deve ser percebida em vários níveis: o simbólico, o artístico, o lingüístico, o social, o político, o econômico e principalmente o histórico (GRILLO, 2008:1).

Especialmente, porque o cordel através de sua narrativa conta os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, o que se transforma em memória, documento e registro da história brasileira. Assim, “(…) *Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor é conselheiro do povo e historiador popular, dão origem a uma crônica de sua época.*” (GRILLO, 2008:3).

Um exemplo disso é o cordel: “*Brasília, a nossa capital, 50 anos*”, onde os cordelistas, Antônio Fernando Rocha dos Santos e Marinalva Bezerra de Menezes Santos, popularmente denominados de Macambira e Queridinha, contam a história da capital federal do Brasil, desde a escolha do lugar, no centro do país, à sua construção e

---

ocupação. Assim, eles transformam a história da capital brasileira em poesia. E de uma maneira poética mostram Brasília, apresentada popularmente numa visão histórica.

“Nos reunimos um dia  
Para juntos escrever  
E a capital do Brasil  
Você pode conhecer  
Pra um pouco da história  
Guardar em sua memória  
Basta esse cordel tu ler

Brasília é o assunto  
Queremos abordar  
Pois nos seus 50 anos  
Iremos homenagear  
Essa cidade importante  
Sua história fascinante  
Em versos aqui registrar

Escute caro leitor  
Independente do lugar  
Que você seja oriundo  
Temos que lhe avisar  
Valorize esta história  
Enriqueça sua memória  
Com o que iremos contar”

A poesia de cordel seria então uma história popular no sentido de que ela relata os eventos que fizeram a história numa perspectiva popular, levando em consideração que seus poetas são do povo e o representa em seus versos.

Para GRILLO (2008), erroneamente, alguns dizem que a poesia de cordel reproduz o discurso oficial, os valores tradicionais e conservadores, sendo dessa

maneira, uma produção incapaz de construir seus próprios significados simbólicos. O que a historiadora rebate, colocando que:

*“(...) não se pode deixar de lembrar que, na poesia de cordel, há uma grande quantidade de personagens estradeiros, astutos, trapaceiros, anti-heróis, que sobrevivem por expedientes e artimanhas que lhes valem como alternativa para escapar do sistema opressor.” (GRILLO, 2008:3)*

Essa maneira simplória de perceber a literatura popular é também alvo de críticas de CHAUI (1982), quando esta afirma que de uma forma geral quando fala-se de cultura popular, coloca-se como se ela fosse uma cultura dominada, invadida, aniquilada pela indústria de massa e pela indústria cultural sendo também envolvida pelos valores dominantes, pauperizada intelectualmente pelas restrições impostas pela elite, manipulada pela folclorização nacionalista, demagógica e explorada, em suma, impotente face à dominação e arrastada pela potências destrutiva da alienação.

Portanto, a literatura de cordel não deve ser observada enquanto lugar somente onde residiria discursos oficiais, mas uma pluralidade de discursos, os quais o professor ou historiador teria de perceber dentro desta narrativa suas criações e recriações, obviamente não estamos ultrapassando a questão da oposição entre cultura popular e erudita, mas sabe-se que ambas alimentam-se reciprocamente da “circularidade cultural” que existe entre ambas.

Pois, não podemos esquecer que as práticas culturais populares pontilham nosso cotidiano. Uma atitude de descaso para com as coisas populares, muitas vezes, está associada a raciocinar o fazer das classes populares a um fazer desprovido de saber (GRILLO apud ARANTES: 1998: 14; MACHADO apud GRILLO: 1995/1996: 109).

É neste sentido que devemos conceber a literatura de cordel enquanto estratégia didática que possibilitará grandes contribuições para o ensino de história, levando em consideração também o que coloca os PCNs, ao mostrar que com o avanço da comunicação industrialização, da urbanização novas demandas foram exigidas,

tornando obsoletos os métodos tradicionais de ensino, sem enumerar os altos índices de repetência e evasão escolar (MARTINS, 2008:18).

Uma das questões que levaria o professor de história a buscar na literatura de cordel mais uma forma de material didático, seria também a tão falada falta de interesse dos alunos em fazer leituras, sem as quais não pode se efetivar a aula proposta pelo professor de história. Já que a aula de história necessita obrigatoriamente de leitura, e sem esta fica impossível de acontecer, pois para que os alunos acompanhem a aula de história estes tem que necessariamente ter feito a leitura dos textos da aula proposta.

Outra questão a ser pensada se refere à dificuldade tanto de leitura e interpretação dos alunos quanto à dificuldade em encontrar livros ou material didático por eles, pois grande parte dos alunos são oriundos de escolas que não oferecem subsídios para que estes gostem de fazer leituras, logo as escolas:

*“(...) não promovem projetos que visam ao desenvolvimento do prazer pela leitura, além de estarem imersos numa sociedade que não tem como prioridade o desenvolvimento de políticas públicas preocupadas com o fomento da leitura.” (MARTINS, 2008:11).*

Sendo assim, o professor deve trazer para a turma em que trabalha o material didático para a aula, assim como também deve fazer com que eles flertem com esse material e se apaixonem ao ponto de lê-lo. Nesta perspectiva,

*“A leitura surge na escola como uma oportunidade de colocar o aluno em confronto com o outro, propondo-lhe o desafio de enxergar a pluralidade cultural como forma de levá-lo a ser capaz de exercer a sua cidadania plenamente, sem vestígios de imposição de uma cultura sobre a outra. Portanto, nossa discussão não busca a substituição de textos literários canônicos por textos da Literatura de Cordel, mas sim ampliar o leque de leitura dos alunos, a fim de lhes proporcionar um contato mais plural com as diversas formas de gêneros textuais e artísticos encontradas no Brasil.”*

---

(ALVES, 2008:107).

Desta maneira, a literatura de cordel se mostra como material didático rico para o ensino de história porque oferece não só a riqueza estilística da literatura de cordel, como também as possibilidades de debate sobre a nossa realidade social, política e econômica. E, além disso, sua rima de alguma forma facilita tanto a leitura como o aprendizado.

Observa-se que, a cada dia que passa, o mundo contemporâneo exige mais agilidade, criatividade, rapidez de pensamento, discurso persuasivo e adequação de estilo, o que impõe à escola algo novo: levar o aluno a apropriar-se dos escritos para agir na vida (ROJO, 2006).

É justamente a partir desse momento que se torna possível desenvolver o senso crítico do aluno, levando-o a perceber não só a sua posição no mundo como também a posição do outro, representada nos diversos contextos sociais. O contato com a literatura de cordel será capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas.

Mas, é necessário ressaltar que o trabalho com o folheto de cordel em sala de aula não pode ser resumido a uma simples leitura dos textos ou até mesmo a uma produção de cordel. Esse trabalho deve ir mais longe, procurando sempre estabelecer relações entre o que está escrito e a realidade de nosso país, levando o aluno a pensar o seu lugar no mundo e o daqueles que produzem, consomem e apreciam a literatura de cordel.

Assim, os alunos atualmente precisam enxergar o mundo além de si mesmo, sob pena de, não o fazendo, ficarem à margem do próprio mundo em que vive, já que a modernidade se faz presente e exclui aqueles que não preenchem seus requisitos ou se contentam com o superficial. Paralelamente a isso, a necessidade de mudar o contexto socioeconômico em que vivemos tem se tornado urgente e só pode ser alcançada mediante uma educação crítica. Assim,

*“A presença da literatura de cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas.*

---

*Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.”*

(ALVES, 2008:108).

A literatura de cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive.

E o papel da escola é crucial na ampliação não só do público leitor, mas também do material de leitura e dos modos e ritmos de ler. Nesse ponto, podemos nos reportar à importância do contato dos alunos com os diversos gêneros textuais, conforme já citado anteriormente. Aliás, ela nos alerta para a necessidade de valorizar as condições concretas de comunicação literária, alegando que a leitura não se dá no vazio, já que se trata de uma atividade que implica sociabilidade (CHIAPINI, 2005).

A partir disso torna-se mais fácil que o aluno se perceba como um ser pensante e crítico, capaz de compreender não só a si mesmo como também ao outro e, conseqüentemente, tornar-se apto a intervir na realidade, a fim de mudá-la para melhor.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALVES, Roberta Monteiro. **Literatura de cordel**. Por que e para que trabalhar em sala de aula. In: **Revista Fórum Identidades**, Sergipe, v. 4, 2008.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 1982.

CHIAPPINI, Lígia. **Reinvenção da catedral**. São Paulo: Cortez, 2005.

- 
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais: uma introdução**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é , afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FEREIRA, Antônio Celso. **Literatura**. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino de história**. In: **Cultura Escolar Migrações e Cidadania**, Portugal, 2008.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Escola: me diga como trata a cultura popular e eu te direi quem és**. In: **Cadernos de História**, Uberlândia, v. 6, nº 6, 1995/1996.
- MARTINS, Cristiane Roberta. **Literatura de cordel em sala de aula: um estudo do gênero**. Trabalho monográfico. Franca, 2008.
- SANTOS, Antônio Fernando Rocha dos; SANTOS, Marinalva Bezerra Menezes. **Brasília, nossa capital , 50 anos**. Esperança, 2010.
- SILVA, Andrea Betânia da. **O trabalho com cordéis em sala de aula: pendurando preconceitos e colhendo frutos**. In: **Cadernos de Letras**, Salvador, v. 3, nº 5, 2008.
- PESAVENTO, Sandra. **Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX)**. In: **Revista Anos 90**, nº 4, 1995.
- ROJO, Rosane. **O texto como unidade de ensino e o gênero como objeto de ensino da Língua Portuguesa**. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Encontro na linguagem: estudos linguísticos e literários**. Uberlândia: EDUFU, 2006.